

# Risco de uma catástrofe nuclear

» SACHA CALMON  
Advogado



MAURE

É bom ouvir de Edward Luce, do *Financial Times*, e o também autocrata Volodymyr Zelensky: “A disposição de Vladimir Putin de ameaçar usar armas nucleares é, de certo modo, um bom sinal, também é potencialmente catastrófico. Se o objetivo de Putin é amedrontar o Ocidente, ele está certo. A Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte, a aliança militar ocidental) continua aumentando sua ajuda a Kiev.

A questão é o que Putin fará. Ele sabe exatamente quais medidas tomará. Estará blefando? Seja como for, o gênio está fora da garrafa. Putin quebrou o tabu pós-Cuba ao ameaçar partir para as armas nucleares. Isso, por si só, nos coloca em um novo território. Sem que a maioria das pessoas esteja ciente disso, o mundo está entrando em seu período mais perigoso desde a crise dos mísseis de Cuba de 1962...

A maioria das pessoas com menos de 50 anos cresceu pensando que o espectro nuclear é uma relíquia do século 20. Nas últimas semanas, a possibilidade de um conflito nuclear tornou-se a mais viva ameaça à paz deste século.

Em termos de conscientização pública, o debate sobre a linguagem de Putin é um bom exemplo. É fácil pensar em Putin como um viciado em pôquer, tentando escapar de uma aposta ruim. Em algum momento, ele deve desistir. Autoridades civis e militares dos Estados Unidos não sofrem dessa complacência.

Muitos vêm participando de exercícios de jogos de guerra em que o uso de armas nucleares táticas de impacto reduzido quase sempre se transforma em conflito nuclear estratégico — falando claramente, o dia do juízo final.

Se houver 5% de risco de Putin detonar uma arma nuclear num campo de batalha, o mundo estará mais ameaçado do que em qualquer outro momento da vida das pessoas. Nos últimos dias, as indicações de Moscou possivelmente elevaram essa chance para 10%.

Putin descreveu o teste do míssil balístico intercontinental hipersônico Sarmat, na semana passada, como “alimento para reflexão” para o Ocidente, o que não soaria fora de propósito para Blofeld, o vilão de James Bond do século 20. Na quarta-feira, Putin disse: “Temos todos os instrumentos para isso [responder a uma ameaça à existência da

Rússia], dos quais ninguém mais pode se gabar. E os usaremos, se for preciso”.

A resposta natural é que Joe Biden e seus colegas europeus deixaram claro que a Otan não lutará na Ucrânia. O Ocidente, em outras palavras, não representa uma “ameaça existencial” à Rússia — seu limite para o uso de armas nucleares.

Mas isso é apenas a forma como o Ocidente vê a situação. As ameaças de Putin, e de seus oficiais, foram feitas no contexto da alegação de que a Rússia já está em guerra com a Otan. Os russos estão sendo informados todos os dias que estão numa luta pela sobrevivência nacional apoiada pelo Ocidente. Esse nível de retórica excede qualquer

coisa da Guerra Fria.

O conceito de destruição mútua assegurada, que se estabeleceu após 1962, é que cada lado tem uma janela clara sobre as rotinas e o pensamento do outro. A maior parte do compartilhamento de informações que havia sido implementado, foi abandonado na última década. Putin encerrou os protocolos da Guerra Fria e chegou até a acusar de espíões os cientistas nucleares russos interessados em conhecer seus colegas americanos.

Isso significa que os dois adversários, que respondem por 90% das ogivas nucleares do mundo, estão muito mais desinformados sobre as sinalizações um do outro do que estavam nas décadas de 70 e 80. A ignorância, nesta situação, não é um bom presságio.

Uma questão premente é como Biden responderia se Putin detonasse uma arma nuclear tática na Ucrânia. Entre suas escolhas estaria um ataque convencional à origem do míssil — uma fábrica, ou digamos, o local de lançamento. Outra seria impor um embargo comercial total e sanções secundárias aos não cumpridores, especialmente à China.

A primeira escolha — atingir o território russo — poderia desencadear uma escalada letal sujeita a fugir do controle. A segunda implicaria risco de ser quixotesca. Poderia haver medidas intermediárias, como alvejar um navio russo ou um ataque cibernético.

Tudo isso envolve adivinhar como Putin responderia. Estamos alheios aos cenários que se desenrolam na Casa Branca — quanto mais na cabeça de Putin. No entanto, não há, no momento, nada mais urgente para o nosso destino e mais ameaçador.

A Ucrânia vale tanto? A resposta é não. Zelensky e seu partido não tem nada de democrático. Ele próprio é um rematado autocrata, tanto quanto Putin. Postos na periferia do mundo ocidental católico, somos pouco informados. O mesmo se diga de Viktor Orbán, na Hungria. A Europa flerta com o neofascismo.

A ascensão do neofascismo tem sido uma preocupação política e sociológica. Neste particular os EUA deveriam exercer o seu primado não como aliado político-militar, mas como influência acadêmica e política, junto com a França e, principalmente, o Reino Unido e o pensamento democrático alemão.

## Técnica do golpe de Estado

» ALMIR PAZZIANOTTO PINTO

Advogado, foi ministro do Trabalho e presidente do Tribunal Superior do Trabalho

Poucos devem ter ouvido o nome Kurt Erick Suckert, natural de Prato, Itália, onde nasceu em 9/6/1898, falecendo em Roma no dia 19/7/1957. Foi jornalista, dramaturgo, cineasta, militar e diplomata. Ficou célebre pelos livros *A pele*, *Kaputt* e, sobretudo, *A técnica do golpe de Estado*, escritos sob o pseudônimo de Curzio Malaparte e traduzidos para diversos idiomas. Estão esgotados. Quem se interessar, talvez os encontre em algum sebo.

Para Curzio Malaparte há duas modalidades de golpe de Estado. O golpe de força e o golpe tático. A história do Brasil registra a preponderância do golpe de força. Assim ocorreu em 1889 na Proclamação da República; em 1930; 1945; 1964; 1969 (o golpe dentro do golpe). Em todos, a deposição do governo foi provocada pela ruptura da ordem institucional, com violação da Constituição e emprego das Forças Armadas. Algumas tentativas de golpe não surtiram resultados, ou porque foram mal planejadas, conforme aconteceu em 1935, ou porque os líderes não dispunham de efetivo apoio militar, como em 1937.

Curzio Malaparte testemunhou a Revolução de outubro de 1917 na Rússia, que após o czar Nicolau II (1868-1917). Para Malaparte, se Vladimir Ilych Lenin (1870-1924) foi o estrategista, o animador, o *deus ex machina*, a Lev Davidovich Trotsky (1879-1940), teórico da revolução permanente, se deve o desenvolvimento do golpe tático que implantou o regime bolchevista na Rússia.

O golpe de outubro de 1917 dependeu menos da força do que da astúcia. Ao invés de

grandes massas, tropas, combates ou greve geral, determinaram a queda do regime czarista a desorganização social, a desmoralização do exército, batido pelos alemães na guerra de 1914, a perda de autoridade do governo imperial. Para Trotsky bastaria “operar com pouca gente em terreno limitado, concentrar os esforços sobre os objetivos principais, atacar direta e duramente”. Em castelano: “Las cosas peligrosas son siempre extraordinariamente sencillas. Para triunfar no hay que desconfiar de las circunstancias desfavorables ni fiarse de las que son favorables. Hay que ferir en el vientre: eso no hace ruido” (Plaza Janes Editores, Barcelona, 1960, 21).

O presidente Jair Bolsonaro não esconde que alimenta o desejo de recorrer a golpe para se manter no poder. Provavelmente sem emprego de força. Talvez esteja convencido de que não contaria com apoio unânime das Forças Armadas. Não deixará, porém, de forjar pretexto, se perder ou correr real perigo de derrota nas eleições. Para detoná-lo contará com a sombra de comandos do Exército, Marinha, e Aeronáutica, com o cretinismo do Poder Legislativo controlado pelo Centrão, o fanatismo bolsonarista, a divisão dos partidos de centro e de esquerda, a mídia a seu serviço, a desmobilização política da sociedade recém-saída da pandemia e envolvida por problemas de sobrevivência provocados pela inflação, a desordem gerada pela alta do custo de vida e desemprego.

Do Poder Judiciário não será possível exigir resistência material. O Supremo Tribunal

Federal (STF) observa ministros sendo atacados sem cessar pelo presidente Bolsonaro. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) enfrenta permanente acusações às urnas eletrônicas, alimentadas por pessoas de boa e de má-fé. As primeiras não conseguem entender que o voto eletrônico é seguro por ser sigiloso. As segundas porque participam do programa de descrédito, como instrumento da permanência de Bolsonaro à frente do poder.

Trotsky tinha razão. O golpe de estado não necessita, necessariamente, do emprego das Forças Armadas e do derramamento de sangue. Em 10/11/1937 Getúlio Vargas fez de imaginário perigo de subversão comunista, “exigindo remédios de caráter radical e permanente” o pretexto para editar a sua Constituição. Falsos pretextos voltaram a ser usados para o Ato Institucional (nº 1) de 9/4/1964, nº 2, de 27/10/1965, nº 5, de 13/12/1969 e para a decretação da Emenda nº 1 de 1969 à Constituição de 24/1/1969.

A sociedade civil deve entrar em estado de alerta. Estamos em campanha eleitoral. O Estado democrático de direito exige eleições livres de ameaças, para que a soberania do povo se manifeste por meio do “sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com igual valor para todos” (Art. 14 da Constituição).

O povo fiscalizará o pleito. Dispensa a presença das Forças Armadas, cujas atribuições se restringem à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, à defesa da lei e da ordem. Eleições livres rejeitam a presença de equipamentos bélicos.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // [circecunha.df@dabr.com.br](mailto:circecunha.df@dabr.com.br)

## Cevados à pão de ló

Houvesse um instrumento jurídico, verdadeiramente válido, que obrigasse os políticos em campanha a cumprirem cada uma das promessas feitas aos eleitores, muito dos problemas atuais, na administração pública, estariam resolvidos. A começar pelo que parece ser o maior problema de todos nesse momento, que é o malfadado instituto da reeleição, que o atual presidente da República, durante sua campanha, em 2018, prometia pôr um fim. “O que eu pretendo é fazer uma excelente reforma política, acabando com o instituto da reeleição, que começa comigo caso seja eleito, e reduzindo um pouco, em 15% ou 20%, a quantidade de parlamentares”, prometia o então candidato Jair Bolsonaro.

De lá para cá, o vinho virou vinagre e promessas como essas e outras viraram fumaça e foram levadas pelo vento. É preciso lembrar que foi o então presidente Fernando Henrique Cardoso, que em 1997, moveu céus e terra para ver aprovado pelo Congresso a possibilidade de reeleição para si mesmo, inaugurando o que é hoje o mais nefasto instrumento da vida política nacional.

A reeleição faz de cada político eleito um candidato permanente, já no primeiro dia de mandato, como aconteceu, de fato, com o atual presidente. O pior nesse jogo de empulhação propalado pelos políticos é que não apenas todas as promessas recitadas solenemente diante dos eleitores são deixadas de lado, como o próprio programa partidário, impresso em livretos e distribuídos para a população.

Não há empenho em fazer cumprir nem uma coisa e nem outra. São as fake news a preparar o terreno. Passadas as eleições, joga-se a culpa pelo não cumprimento das promessas nas costas do acaso e tudo fica como antes. Ao eleitor fica a sensação de haver comprado gato por lebre. Mentir pode não ser crime, mas obter cargo público, que deveria ser de alta responsabilidade, pelas consequências que gera para todos, por meio de falsos compromissos, é como falsificar currículo o que é puro estelionato, previsto no artigo 171 do Código Penal. Só para lembrar o referido artigo diz: “Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento: Pena - reclusão, de quatro a oito anos, e multa”.

A mesma penalidade deveria caber àqueles que se elegem para um cargo, com todo um caminho de promessas de que vai fazer isso e aquilo, e depois pede afastamento ou para ocupar outro cargo no Executivo ou para se descompartibilizar e concorrer à outro cargo, deixando a população e toda a administração ao relento. Enquanto isso o estado está acéfalo, entregue à própria sorte. Culpa dos eleitores também que não sabem avaliar a qualidade dos candidatos.

Exemplos desse pouco caso com os eleitores e as funções públicas são abundantes nesse país e não há, no horizonte, qualquer iniciativa para acabar com essa pouca vergonha. Sujeito se elege prefeito, renuncia para ser governador e volta a se afastar dessa função para se candidatar à presidência da República, tudo numa sequência que deixa claro a falta de responsabilidade. Outro se elege senador, deixa o cargo para o primeiro suplente, que pode ser até a própria mãe, para ocupar cargo de ministro. Os exemplos desse pouco caso e até de desprezo flagrante com os eleitores são em grandes quantidades e mais do que revelar o descompromisso com a função e o desejo de atender apenas à desejos pessoais, revelam o quão longe ainda estamos de uma verdadeira democracia com qualidade, ocupadas por pessoas com espírito público.

O que temos, na maioria dos casos em todas essas funções públicas, são aventureiros, de olhos postos nas vantagens materiais. Autênticos sibaritas, cevados à pão de ló.

### » A frase que foi pronunciada

“A voz do povo é a voz de Deus. Com Deus e com o povo venceremos, a serviço da Pátria, e o nome político da Pátria será uma Constituição que perpetue a unidade de sua Geografia, com a substância de sua História, a esperança de seu futuro e que exorcize a maldição da injustiça social.”

Ulysses Guimarães

### História

» Festa bem merecida recebeu a Imprensa Nacional pelos 214 anos de história. Glen Valente, da EBC, e Helder Fernando, da Imprensa Nacional participaram das comemorações.

### Consome dor

» Continua a discussão sobre Apple e Samsung que resolveram retirar fones e carregadores dos celulares da embalagem original forçando o consumidor a fazer nova compra para poder usar o produto integralmente. Interessante notar que se pelo menos 450 Procons penalizassem cada marca, o fundo de recurso do órgão de proteção ao consumidor, caso a multa fosse paga, receberia por volta de R\$ 9 bilhões. Mas o consumidor teria que comprar o aparato da mesma forma, mesmo que tenha sido o único prejudicado.

### » História de Brasília

Atenção, DFLO. Na quadra 20 da W-3 estão construindo nos quintais das residências. Há casos em que quatro cubículos estão sendo construídos para alugar, e, que dizem, a 15 mil cruzeiros mensais. (Publicada em 01.03.1962)